

Revista IDEALOGANDO

REVISTA CIENTÍFICA / REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFPE

A R T I G O

HERANÇAS SIMMELIANAS NA ESCOLA DE CHICAGO E EM NORBERT ELIAS

SIMMELIAN INHERITANCES IN THE CHICAGO SCHOOL AND NORBERT ELIAS

Ricardo Bandeira de Melo *

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

<https://orcid.org/0000-0002-6662-4997>

RESUMO

O presente artigo discutirá, por meio de uma revisão bibliográfica, a influência da obra de Georg Simmel nas duas gerações daquela que ficou conhecida como “A Escola de Chicago” e na obra de Norbert Elias. Para tanto, serão apresentados os conceitos de sociabilidade, conflito social e seus estudos sobre a metrópole, a fim de aprofundar, por um lado, o entendimento sobre a ênfase da referida escola na interação social e nos estudos urbanos, e, por outro, a busca pela superação conceitual no abismo indivíduo/sociedade em Simmel e Elias. Por fim, serão ainda apresentados, de forma breve, como essas trajetórias se cruzaram e um pouco dos contextos históricos desses trabalhos.

Palavras-chave: Georg Simmel; Escola de Chicago; sociologia figuracional.

ABSTRACT

This paper will discuss, by means of a literature review, the influence of Georg Simmel's work on the two generations of what became known as "The Chicago School" and on the work of Norbert Elias. To this end, the concepts of sociability, social conflict and their studies on the metropolis will be presented, in order to deepen, on the one hand, the understanding of the emphasis of the aforementioned school on social interaction and urban studies, and, on the other, the search for conceptual overcoming in the individual/society abyss in Simmel and Elias. Finally, it will also briefly present how these trajectories intersected and some of the historical contexts of these works.

Keywords: Georg Simmel; Chicago School; Figurational sociology.

* Possui graduação em Ciências Sociais/Bacharelado (2015) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Mestrado em Sociologia (2020) pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB) e Formação Pedagógica em Sociologia pela UNOPAR (2022). Membro do Grupo de Relações Afetivas e Violência (GRAV-UFPB). Suas principais áreas de interesse são: sociologia do crime e do desvio; sociabilidade; métodos e técnicas de pesquisa social qualitativa; teoria social. Contato: ricardobandeira_cs@hotmail.com

Artigo Recebido em: 22/03/2019. Aceito em 29/08/2022.

Revista Idealogando, Recife, v. 4, n. 1, p. 76-91, 2020, Universidade Federal de Pernambuco

 Este artigo está sob uma [Licença Creative Commons 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) - CC BY.

INTRODUÇÃO

George Simmel exerceu um importante papel na consolidação da sociologia alemã. Sua obra, contemporânea à de Max Weber, abordou temas caros naquele momento de institucionalização dessa ciência, como o método e a modernidade. Todavia, é por seu olhar cuidadoso sobre os eventos “miúdos” da vida cotidiana que geralmente esse filósofo e sociólogo é lembrado.

A maneira como sua obra influenciou e influencia outros cientistas sociais é um tema praticamente inesgotável. De maneira profunda, seus trabalhos percorreram uma grande variedade de temas, como a metrópole, a moda, o dinheiro, etc. Esses debates desdobraram-se de maneira muito frutífera ao longo dos anos. É fácil notar, por exemplo, a influência de discussões a respeito da moda (SIMMEL, G. 2008) sobre os estudos mais atuais realizados por Pierre Bourdieu (2007).

O presente artigo não tem por objetivo discutir de forma exaustiva as contribuições desse sociólogo clássico berlinense sobre as ciências sociais hoje. A proposta, mais moderada, consiste em apresentar qual o impacto da obra simmeliana nos estudos das duas primeiras gerações da chamada “*Escola de Chicago*” e nos trabalhos de Norbert Elias.

Serão discutidas as relações de Simmel tanto com os autores da Primeira Geração da referida escola, como Albion Small, Robert Park e outros, quanto com os dois grandes representantes da Segunda Geração: Howard S. Becker e Erving Goffman. Sobre Elias, será mostrado como do mesmo modo que seu antecessor, há nele um projeto teórico que busca superar os abismos entre indivíduo e sociedade.

Para tanto, serão abordados alguns conceitos fundamentais, sendo eles o de *sociabilidade* e o de *conflito social*. Além disso, será discutida a questão da *sociologia urbana*; buscando traçar as suas relações com os empreendimentos teóricos interacionistas e figuracional.

SOCIABILIDADE

O conceito de sociabilidade é, no pensamento simmeliano, crucial; dado que, como apontou José Alcântara Jr (2006, p. 188-189), a noção permite a compreensão das *formas*, indicando os elementos da estruturação do social; da passagem do “individualmente construído para o socialmente edificado”.

Indicando, assim, os elementos que impulsionam a própria materialização da existência social.

Em cada sociedade, segundo Simmel, a interação entre indivíduos dá-se a partir de certos impulsos ou buscas por finalidades:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

Esses “impulsos” ou “finalidades” são simultaneamente os *conteúdos* e *matérias* da *sociação*. Definidos como:

[...] Tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. (SIMMEL, 2006, p. 60.)

Daí resultam as *formas de sociação*: grupos de amigos, gangues, casais, partidos, etc. O que há de realmente social na interação não é a busca individual por metas ou impulsos, sim a maneira como as *formas* criadas por interesses específicos desprendem-se deles e tornam-se finalidades e matérias da própria existência. Esse desprendimento das *formas* sobre os *conteúdos* foi definido pelo sociólogo alemão como sendo o fenômeno da *sociabilidade*. Conforme o autor:

[...] Para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar juntamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação em particular. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Os conteúdos não deixam de existir, mas eles são superados, no sentido da interação ser um fim em si. Todavia, os desejos, impulsos, interesses, etc., podem ser invocados a qualquer momento. É o “jogo da interação das meras silhuetas de coisas sérias” (SIMMEL, 2006, p. 74).

A sociabilidade tem como condição, então, que as finalidades pessoais não apareçam sem qualquer reserva, sendo a *discrição* condição da sociabilidade. De igual modo, as qualidades pessoais, personalidade e humor, tanto as positivas quanto as negativas, devem ser mantidas sob controle; ou melhor dizendo, *auto*

controle. O que Simmel chamou de *tato*:

[...] tudo que representa de mais pessoal na vida, no caráter, no humor, no destino, não tem qualquer lugar nos limites da sociabilidade. É uma falta de tato – porque contradiz os momentos aqui exclusivamente dominantes de efeitos *mútuos* – levar para a sociabilidade bons e maus humores meramente pessoais, excitações e depressões, a luz e a obscuridade da vida profunda. (SIMMEL, 2006, p. 67).

Ainda entre as condições da sociabilidade, o autor destacou a necessidade de satisfazer-se de modo a garantir ao(s) outro(s) o máximo dos valores sociáveis; gerando uma teia de reciprocidades. Todavia, esse *caráter democrático* só pode ocorrer no interior de um *estrato*, dado que a interação entre pessoas hierarquicamente distintas ocorre de modo contraditório e/ou constrangedor.

CONFLITO SOCIAL

O *conflito social* recebeu em sua obra uma atenção completamente diferente daquela empregada por outros sociólogos até o momento. O conflito é a “negação da indiferença”, condição indispensável à sociabilidade. O conceito passa, dessa maneira, a ser pensado não apenas como um aspecto negativo da vida, mas algo inerente e fundamental na dinâmica entre indivíduo e sociedade.

Como salientou Alexandre Werneck (2012) o conflito não foi pensado por Simmel como uma descontinuidade no social. Ele não é apenas gerado, ele é gerador; deixando, assim, de ser pensado como a *manifestação* de outras ordens de fenômenos, como a *luta de classes* em Marx, K; ENGELS, F (1999) a *anomia* em Émile Durkheim (1999) ou a *dominação* em Max Weber (2004). O conflito passou a ser um objeto em si. Não uma representação de outros fenômenos, mas um fenômeno particular portador de regras próprias.

De acordo com José Alcântara Jr (2006), “na vida social somos remetidos às lutas efêmeras ou duradouras, as quais são partes da luta mais geral”. O conflito é capaz de produzir ou alterar grupos de interesse, organizações, etc. Ele é uma forma social que possibilita momentos de construções como também de destruições. Toda interação entre os indivíduos é uma forma de sociação, e com o conflito não poderia ser diferente.

O conflito é inexoravelmente parte da vida. Há um conjunto de tensões que permeiam a relação entre indivíduo e sociedade. Segundo Simmel (2006), a sociedade adquire seus próprios órgãos, que contrapõem-se ao indivíduo em

diversos níveis. Na sociabilidade, a necessidade da auto-regulação, da discrição, do recuo da personalidade individual, etc., são formas de conflito entre o individual e o grupal. A luta também está sugerida na “inerência da sociedade no indivíduo”, onde diferentes elementos sociais constituem nele impulsos conflituosos. O autor colocou a tensão entre indivíduo e sociedade dessa maneira:

Em muitas outras relações, porém, essa sociedade impõe um nivelamento de seus membros; dentro de seu círculo estrito, ela cria uma média com a qual torna extremamente difícil que seus elementos sobressaiam com particularidades individuais quantitativas e qualitativas. A especificação exigida pela sociedade com relação ao humanamente geral é proibida diante do aspecto social geral. Assim, o indivíduo é constrangido por dois lados: a sociedade lhe dá uma medida que a personalidade não deve ultrapassar nem em direção à generalidade nem à individualidade (SIMMEL, 2006, p. 91).

Desse modo, temos o conflito não como algo superável; uma espécie de “problema social”, mas sim como um traço contínuo e constitutivo da vida humana.

A SOCIOLOGIA URBANA

A metrópole recebeu atenção especial na obra simmeliana, o que faz dele um dos expoentes da sociologia urbana. Para discutir a vida nas grandes cidades, Simmel (2005) partiu da tensão entre indivíduo e sua busca pela preservação da autonomia frente à sociedade; a resistência do indivíduo ao nivelamento.

Ao sairmos às ruas, somos tomados por uma infinidade de estímulos, provenientes da imensa variedade da vida nas grandes cidades, sempre envolvidas em transformações ligeiras. A vida nas pequenas cidades é marcada pela regularidade e pelo enraizamento do indivíduo. Na metrópole, já não podendo contar de forma tão ampla com a tradição, o caráter intelectualista faz-se necessário.

Disso resulta um crescimento da sobreposição das formas sociais e dos conteúdos sobre os indivíduos:

A pontualidade, a contabilidade, a exatidão, que coagem as complicações e extensões da vida na cidade grande, estão não somente no nexos mais íntimo com o seu caráter intelectualístico e econômico-monetário, mas também precisam tingir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão daqueles traços essenciais e impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que pretendem determinar a partir de si a forma da vida, em vez de recebê-la de fora como uma forma universal, definida esquematicamente (SIMMEL, 2005, p. 580).

Tomados por uma quantidade tão grande de estímulos, os indivíduos reagem a isso criando um mecanismo de autopreservação: dada a incapacidade de reagir a eles com a devida intensidade, veem os acontecimentos da vida e, embora os perceba, assumem um caráter *blasé*. A isso se liga a *reserva* das pessoas umas com as outras nesses contextos urbanos. (SIMMEL, 2005, p. 181-182). No entanto, não apenas a reserva e a indiferença mostram-se na metrópole, como também, em larga medida, certa “aversão, estranheza e repulsa mútua” que, segundo o autor, podem facilmente rebentar em ódio e luta. (*Ibid*, p. 583).

Além disso, ainda na perspectiva desse autor, a metrópole impõe a necessidade do refinamento técnico, da especialização, da criação de novas fontes de ganho, o que resulta em um maior isolamento do indivíduo. A metrópole individualiza, seja pela necessidade da indiferença e reserva, seja pela necessidade de diferenciação. É um contexto de impessoalidade – acentuado com o nivelamento causado pela cultura monetária – marcada pela busca por reconhecimento.

A ESCOLA DE CHICAGO

De acordo com Gilberto Velho (2000) a influência simmeliana entre os autores daquela que ficou conhecida como “Escola de Chicago” é nítida, embora esteja implícita na maioria das obras. Em sua última visita ao Brasil, em palestra realizada em 1990 no Museu Nacional, UFRJ, Becker fez questão de enfatizar sua forte ligação com Simmel: “Gostaria de terminar com um último comentário: antropológicamente falando, descrevi minha linhagem na seguinte ordem: Simmel, Park, Hughes, Becker. Muito obrigado.” (BECKER, 1996. p, 188). Velho (2002. p, 10), também utilizando a ideia de linhagem, escreveu: “G. Simmel [é] referência original da dita linhagem e autor-chave para todo o desenvolvimento do interacionismo, assim como de Thomas, Park, Mead, Wirth, etc.”.

Como apresentado por Rosa *et al* (2017), a ligação entre Simmel e a Escola de Atividade de Chicago não ocorreu à toa. Albion Small – um dos pioneiros na sociologia ianque – e Simmel foram colegas em Berlim, o que ajuda a explicar a tradução ligeira de sua obra para o inglês, publicada na *American Journal of Sociology*. Além disso, R.E. Park, um dos mais importantes autores da Primeira Geração da referida Escola, foi aluno de Simmel. É importante destacar: Park

orientou E. Hughes que, por sua vez, orientou Becker.

A capital do Estado de Illinois, fundada em 1833, apresentou um crescimento gigantesco até o início do século XX. A chegada de estrangeiros, a diversificação dos mundos do trabalho, o crescimento do crime e vários outros temas despertavam muita atenção naquela época em Chicago. A imigração era, naquele momento, uma das principais questões políticas nos Estados Unidos da América. (*ibid.* p, 55-56). Park, de acordo com Becker:

Logo em seus primeiros tempos em Chicago, [...] escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma ideia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo, ideia que resumiu ao dizer: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo” (BECKER, H. 1996).

É importante levar em consideração que o interesse nos estudos urbanos não derivam apenas da proximidade de Park e Small de Simmel, como também, e principalmente, do próprio contexto histórico do momento de surgimento da Universidade de Chicago. A influência simmeliana encontra-se principalmente na proposta de análise presente em parte desses autores.

É dentro desse contexto que podemos compreender a presença recorrente de elementos como imigração, organização/desorganização social em William Foote Whyte (2005), e rivalidade, conflito, adaptação e assimilação, em Robert E. Park e Ernest Burgess (1921).

A Segunda Geração da Escola de Chicago tem, entre seus autores, o canadense Erving Goffman e o americano Howard Becker como seus representantes mais conhecidos e debatidos no Brasil. Em sua obra *Outsiders*: estudos de sociologia do desvio, Becker argumentou como os atos percebidos como desviantes são construções processuais de rotulação. Isso trouxe um forte impacto político e sociológico, resultando numa desnaturalização do desvio e o foco analítico saiu de temas como essência criminosa, anomia e desorganização social. Rosa *et al* (*op.cit.* p, 82). Nas palavras de Becker:

[...] grupos sociais criam desvio ao fazer regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (BECKER, H. 2008. p, 21-22).

Para Becker (2008), todos envolvidos numa dada situação contribuem para o que acontece nela. Dessa maneira, a sociologia deve se debruçar sobre as atividades de todos. Sua tipificação inclui não apenas os que buscam impor as regras e os que são por elas rotulados; estando presentes, dentro de cada contexto, aqueles encarregados de impingir-las. Ainda segundo o autor, as sociedades modernas são amplamente variadas, de modo que não há aceitação absoluta de regras. A capacidade social pertencente a determinados grupos, de criar e impor suas regras, sem dúvidas, constitui um diferencial de poder; no entanto, essa capacidade não é, assim como seu alcance, absoluta, sendo esta temporal, podendo sucumbir ao longo da história. (*Ibid.* , 29-30).

Os embates políticos em torno dessas regras refletem a noção de ordem social em sua perspectiva (*Ibid.* p, 21), pois, para ele, tomar processos em curso e considera-los como propensos a manter ou diminuir a estabilidade da sociedade, tratando-os, portanto, como funcionais ou disfuncionais, é desconsiderar que grupos na mesma sociedade buscam produzir e impor sua própria definição de função.

Goffman (1985) argumentou como interagimos dentro de limites estabelecidos pelas situações, havendo comportamentos esperados e naturalizados para cada uma delas. Descumpri-los pode gerar constrangimentos ou até mesmo uma imposição de estigma. Tanto quanto as situações, recorreremos à experiência para definir os indivíduos, a fim de antecipar o que ele espera e o que devemos esperar dele. Todavia, é importante mencionar que esses elementos não são determinados estruturalmente, embora influenciados; são, sobretudo, definidos e redefinidos na interação. Há um jogo de representações do *eu* e tentativas de leitura do *outro*.

Sobre o *estigma* e indivíduos em situações concretas, Goffman escreveu:

Se o indivíduo for desconhecido, os observadores podem obter, a partir da conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 1985. p, 11).

E sobre a definição de situação:

Definir situações como reais tem certamente consequências, mas estas só podem ter incidência muito marginal sobre os acontecimentos em curso; em alguns casos, apenas um ligeiro

constrangimento sobrevoa o cenário como expressão de uma moderada inquietação para os que tentaram definir a situação erroneamente. Presumivelmente, deve-se quase sempre buscar uma “definição de situação”, mas normalmente os que estão envolvidos na situação não criam esta definição, embora frequentemente se possa dizer que a sociedade a que pertencem o faz; ordinariamente, tudo que eles fazem é avaliar corretamente o que a situação deveria ser para eles e então agir de acordo (GOFFMAN, 2012. p, 23).

Para Gilberto Velho (2002. p, 13) “A reflexão de Goffman sobre interação tem explícitas raízes em Simmel, Mead e Thomas. Deste, a noção de definição de situação constitui uma âncora para todo o desenvolvimento das idéias goffmanianas.” E sobre sua perspectiva analítica em comparação à Becker:

Correndo o risco de ser esquemático, diria que Becker focaliza com insistência a construção e o desempenho propriamente dito da ação coletiva, através da interação entre indivíduos, enquanto que Goffman centra as suas preocupações no próprio processo de definição de situação e construção da própria interação. (VELHO, 2002, p, 13).

A noção de conflito social, nesses dois autores, possuem forte parentesco com aquela apresentada por Simmel. De acordo com Werneck esses autores consideram o conflito:

[...] como parte integrante da vida cotidiana. Não da ordem como algo dado, um objeto sólido, mas uma ordem das interações. Nesse caso, a questão do conflito está intimamente ligada à questão da rotina. Mas uma importante complexificação teve lugar no modelo que costuma ser chamado de *modelo de construção social* ou *modelo construcionista*, cujo representante mais importante é sem dúvida a abordagem da *rotulação* na sociologia do desvio. [...] Segundo esse modelo, a análise sociológica recai sobre os processos de, digamos, genealogia das atribuições de negatividade cuja instauração produz/é produzida por conflitos e violência. Trata-se, então, de observar práticas segundo as quais se rotinizam, se normalizam, passam a fazer parte da ordem, diferenças que opõem grupos ou indivíduos, induzindo a conflituosidade. Os dois representantes principais dessa abordagem são os estudos da *rotulação (labelling)* iniciados por Edwin Lemert, mas potencializados principalmente por Howard S. Becker, e os estudos dos estigmas, propostos por Erving Goffman (WERNECK, 2012, p. 343).

Desse modo, temos, como mencionado na seção deste artigo dedicada ao *conflito social* em Simmel, uma perspectiva que não o toma como representação de questões de outra ordem, mas sim como um fenômeno portador de sua lógica própria, merecedor em si mesmo de atenção.

A SOCIOLOGIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS

Embora alemão, como Georg Simmel, as décadas que separaram sua geração e a de Norbert Elias conferiram a este sorte distinta. Simmel, no final de sua vida, viu o mundo em ferrenha batalha, durante a Primeira Guerra Mundial. Já Elias, viu o terror nazista florescer na Alemanha em sua juventude. Sua origem judia era o ingrediente necessário, naquele contexto, para que sua permanência em seu país fosse inviabilizada. As marcas da Segunda Guerra Mundial podem ser sentidas em sua obra: seu interesse na relação estabelecidos/*outsiders*, o processo civilizador, o *habitus* nacional, a “imagem do nós” e o “ideal do nós”, etc.

Todavia, para além das singularidades em suas trajetórias e obras, há muitos traços compartilhados entre esses sociólogos. O interesse apresentado por Simmel em construir uma sociologia processual, capaz de superar o abismo entre indivíduo e sociedade também está presente em toda a obra eliasiana, que apresenta uma perspectiva que comporta as teias de relações sociais e os intercâmbios entre o individual e o coletivo.

De acordo com Elias (1994), há duas formas de teorizar a sociedade. A primeira delas toma formações sócio-históricas como sendo criações planejadas de indivíduos e, do outro, uma segunda que despreza o papel dos indivíduos na história, tomando a sociedade como um “entidade orgânica supra-individual”. Para ele, a primeira perspectiva deixa obscura a relação entre atos e objetivos individuais e formações sociais; enquanto que a segunda, no caminho inverso, é pouco esclarecedora sobre os vínculos entre formas sociais e metas individuais.

Buscando superar essas teorias, Elias (2006) trabalhou o conceito de *figuração*, que busca incluir indivíduos em suas formações, através do ingresso singular no mundo simbólico coletivo. O conceito exprime o agrupamento dos indivíduos numa ordem simbólica – em um ajuste de nível variável historicamente entre coações externas e controles internos – em virtude de sua interdependência fundamental.

Como apontado por ele, a vida na cidade, repleta de pessoas desconhecidas, com perfis variados, cada uma buscando suas próprias metas; assemelha-se, à primeira vista, a um emaranhado de individualidades. Todavia, apesar dos espaços de liberdades individuais, há uma ordem oculta. (ELIAS, 1994, p. 18). De acordo com o autor:

Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa

teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe. Também isso, esse passado, está diretamente presente em cada uma das pessoas que se movem apressadamente no bulício da cidade (ELIAS, 1994, p. 19).

Apesar da existência dessas figurações específicas, elas não são soberanas sobre os indivíduos, como um todo fechado:

Mas, embora esse contexto funcional tenha suas leis próprias, das quais dependem, em última instância, todas as metas dos indivíduos e todas as decisões computadas nas cédulas eleitorais, embora sua estrutura não seja uma criação de indivíduos particulares, ou sequer de muitos indivíduos, tampouco ele é algo que exista fora dos indivíduos. Todas essas funções interdependentes, as de diretor de fábrica ou mecânico, dona-de-casa, amigo ou pai, são funções que uma pessoa exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos. Mas cada uma dessas funções está relacionada com terceiros; depende das funções deles tanto quanto estes dependem dela. [...] Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. (ELIAS, 1994, p. 20).

Em sua noção de *civilização*, esse jogo entre individual/coletivo apresenta-se, novamente, de maneira densa. De acordo com Elias (2006) o processo civilizador é entendido como a conversão – encontrada em todas as sociedades em alguma medida – entre controles externos e internos; movendo os impulsos de comportamentos momentâneos, através de um controle das emoções, personalidades, etc.

O ajuste entre coações externas e auto-regulações, e a conversão do primeiro no segundo, é um processo histórico não linear, podendo mover em sentido civilizador/descivilizador sucessivas figurações. Em estágios iniciais, as autocoações são mais frágeis, havendo, com isso, necessidade de maior apoio das coações exteriores.

Esse quadro caminha duplamente: de um lado, compõe o processo de *individualização* do ser humano singular e, por outro, a condição de vida social em comum; de modo que *socialização* e *individualização*, pare ele, caminham de mãos dadas. Assim, o processo civilizador não é sinônimo de achatamento dos indivíduos frente ao grupo, dado que ele implica em ampliação da capacidade de autocoação (*ibid*).

Essas ferramentas teóricas foram utilizadas por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) em um estudo de uma pequena vila operária inglesa. Seus moradores não diferiam quanto à nacionalidade, ascendência étnica, nível de escolaridade, renda ou qualquer outro marcador social da diferença. Apesar disso, os residentes de um dos bairros estigmatizavam e excluíam os dos outros dois. O único elemento distintivo, entre eles, era a antiguidade dos moradores que se sentiam humanamente superiores. Instalados ali há duas ou três gerações, havia neles um nível de coesão maior, havendo um estilo de vida em comum e um conjunto de normas, de modo que os vínculos emocionais eram desenvolvidos, fruto do convívio prolongado. Nisso, foi desenvolvida uma noção de *nós* (*we-group*) e um *ideal de nós* (*we-ideal*), nas versões pessoais de fantasia coletiva de valor humano grupal elevado. Isso constituía uma figuração estabelecidos/*outsiders*.

Fazer parte do grupo estabelecido, compartilhar o carisma coletivo e os benefícios resultantes disso tem um preço: requer a obediência às normas grupais, onde os desvios (reais ou presumidos) podem resultar em perda de poder e rebaixamento de *status*. Esse preço deve ser individualmente pago. Há um jogo de emoções: a satisfação de pertencer ao grupo implica em alinhar-se a suas regras e estados de espírito. Todavia, essa submissão não se apresenta como um partido estranho, dado que a consciência grupal e a consciência da própria pessoa, por terem nascido de um processo de interdependência, estão ligadas por “um cordão elástico”, muitas vezes se confundindo (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O estigma social imposto ao grupo *outsider* costuma penetrar sua autoimagem, gerando nele uma imagem do *nós* suja, enfraquecendo-o e tornando mais provável uma correspondência entre as ações e sua reputação negativa imputada. Dessa forma, enquanto de um lado há o compartilhamento de um carisma grupal elevado, de outro há uma desonra grupal repartida. Os *outsiders* são vistos como não observantes das normas produzidas pelos estabelecidos, o que os leva a serem vistos – individual e coletivamente – como anômicos. Sua baixa capacidade de resposta deve-se a sua pouca coesão.

Desse modo, temos que o conflito social entre estabelecidos/*outsiders* – e seu abismo de poder – faz parte das dinâmicas grupais, compreendendo diferentes níveis de amarras entre os indivíduos que compõem os grupos. Dessa forma, assim como em Simmel (*op. cit*) o conflito não é uma descontinuidade com o social, sim um traço inerente à relação entre individualidades e coletividades em suas diversas manifestações.

É nesse ponto em que os dois autores se aproximam: a busca por uma conciliação conceitual entre indivíduo e sociedade. Disso temos vários exemplos, como a preocupação com as emoções e seu controle pela *figuração/sociação*: em Simmel, o *tato* e a necessidade de controlar os humores pessoais, evitando contaminar as tendências do grupo com estados de espírito individuais. O mesmo ajuste está em Elias, traduzido na forma de *autocoação*. Tanto Elias (1994, b) quanto Simmel (*op. cit*) pensaram o processo de individualização como construções sócio-históricas derivadas das formas particulares de relações travadas entre indivíduos/grupos e suas vinculações. Para ambos, o pertencimento grupal é buscado pela satisfação derivada da *sociação*/pertencimento; e as recompensas não são apenas de ordem econômica. Como apresentado anteriormente, Simmel buscou destacar a satisfação em estar sociado, fazendo com que a *forma* social supere os *conteúdos* iniciais da interação. Elias destacou outros elementos em disputa, como, além dessa satisfação, o carisma grupal compartilhado e os diferenciais de poder derivados dessas organizações, que podem ser traduzidos em honra e também em monopólios políticos e econômicos.

CONCLUSÃO

Em sua busca pela compreensão dos processos de sociação, Simmel nos permitiu ver além das teorias que percebiam a ação dos indivíduos como inclinadas unilateralmente no sentido de atingimento de fins, sem levar em conta a dimensão interpessoal, os processos de interação social. Os indivíduos necessitam do *tato* e *discrição* na busca por interesses e, além disso, despertam o prazer em estar sociados. Aqueles conteúdos que acionaram a interação não desaparecem, mas a *forma* desprende-se deles. Em Elias o prazer derivado do pertencimento grupal e as formas de regulações das emoções também foram destacadas. Ambos estiveram empenhados em construir uma sociologia baseada nas organizações de indivíduos.

Em suas brilhantes discussões sobre a *sociabilidade*, Simmel também deixou uma grande contribuição no desenvolvimento dos estudos interacionistas. Essa é, sem dúvida alguma, a mais nítida dívida da Escola de Chicago com esse sociólogo berlinense. Há uma forte influência da concepção de *conflito social* de Simmel em autores da primeira e segunda geração daquela escola, assim como em Norbert Elias. De acordo com essas correntes, o conflito é portador de lógica própria e não constitui uma descontinuidade com o social, sim uma manifestação

natural e corriqueira da vida cotidiana. O conflito não é negativo. Ele destrói tanto quanto constrói. Ele é, antes de tudo, negação da indiferença.

Sobre o interesse sociológico na questão urbana presente na Escola de Chicago, podemos notar tanto um esforço dos autores em cumprir os anseios de seu tempo quanto uma influência da obra de Simmel. A proximidade desse sociólogo clássico alemão e os pioneiros da sociologia ianque não ocorreu apenas por afinidade no pensamento, como também por uma série fortuita de acasos, como a relação pessoal com Albion Small ou o fato de Park ter sido seu aluno. Isso possibilitou que sua obra fosse rapidamente traduzida para o inglês e, assim, pudesse ser incorporada já nos primeiros trabalhos daquele país.

Esse pensador tem como marca de sua obra a sensibilidade para perceber eventos sutis no mundo moderno. Sua obra exerceu um impacto considerável na sociologia contemporânea. Aqui foram discutidas as reverberações na escola de Chicago e em Norbert Elias, mas é importante destacar que o impacto desse teórico vai muito além delas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JR, José. Georg Simmel e o Conflito Social. In: Tedesco et al: **Georg Simmel e as Sociabilidades do Moderno**, Passo Fundo, Ed. Universitária de Passo Fundo, 2006.

_____. Georg Simmel e a Sociabilidade. In: Tedesco et al: **Georg Simmel e as Sociabilidades do Moderno**, Passo Fundo, Ed. Universitária de Passo Fundo, 2006.

BECKER, H., S. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A Escola de Chicago**. Mana, v. 2, n. 2, p. 177-188, out. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **O Processo Civilizador**. História dos Costumes, v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. SCOTTSON, L. John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis, Vozes, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PARK, R. E.; BURGUESS, E. **Introduction to the Science of sociology**. 1ª. Ed. Chicago: University of Chicago Press, 1921.

ROSA *et al.* **Sociologia da violência, do crime e da punição**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito**, tradução do alemão de Leopoldo Waizbort, p. 577-591. Mana, 2005.

_____. **Filosofia da Moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda, 2008.

_____. **Questões Fundamentais em Sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

VELHO, G. **Individualismo, anonimato e violência na metrópole**. Horizontes Antropológicos, n. 13, p. 15-29, jun. 2000.

_____. **Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil**. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 38, p. 9-17, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004.

WERNECK, Alexandre. A contribuição de uma abordagem pragmatista da moral para a sociologia do conflito. In: Michel Misse e Alexandre Werneck (orgs), **Conflitos de (grandes) interesses: estudos sobre crimes, violência e outras disputas**. Rio de Janeiro, Gramond, 2012.

WHYTE, W. F. **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.